

<http://dx.doi.org/10.17648/eidea-12-1150>

QUESTÕES DE GÊNERO E HOMOSSEXUALIDADE NA LITERATURA CORDELISTA BRASILEIRA

Andréa Mendonça Cunhaⁱ
Márcia Regina Curado Pereira Marianoⁱⁱ

Resumo: Este artigo visa observar a construção de imagens discursivas em narrativas cordelistas. Com esse intuito, a partir de Aristóteles (2011) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), traçamos um breve panorama acerca da antiga retórica e da retórica contemporânea, adentrando nas definições de *ethos* e *pathos*, que são tomados como elementos fundamentais para a persuasão. Em seguida, discorremos sobre a literatura de cordel no tocante as suas características e temáticas, e sobre questões de gênero e homossexualidade, explorando os conceitos de identidade, orientação e estereótipo. Por fim, apresentamos a análise do cordel “Corno, bicha e sapatão: os sacanas de hoje em dia”, de José Francisco Borges, a fim de mostrarmos a imagem discursiva preconceituosa que o orador constrói do homossexual e que reflete a imagem de si mesmo e do povo brasileiro. Para isso, retomamos ainda as noções de tematização e de figurativização da semiótica greimasiana, que auxiliam na depreensão desses *ethé*.

Palavras-chave: *Ethos*. Homossexualidade. Literatura de cordel. Retórica.

Abstract: This article aims to observe the construction of discursive images in narratives of ‘cordel’. Drawing upon Aristotle (2011) and Perelman and Tyteca (2005), we sketch a brief overview on the old and the contemporary rhetoric, stepping into concepts of *ethos* and *pathos* that are taken as key elements in persuasion. Therefore, we carry on with a discussion on the literature of ‘cordel’ concerning their characteristics and themes, and on gender and homosexuality, exploring concepts such as identity, orientation and stereotypes. Finally, we enter the analysis of our corpus, the ‘cordel’ “Corno, bicha e sapatão: os sacanas de hoje em dia”, by José Francisco Borges, in order to show the image that the orator creates about the homosexual, about himself and about the Brazilian people in his speech. To that end, we take up the concepts of thematization and figurativization, in Greimasian Semiotics, which helps to comprehend these *ethé*.

Keywords: *Ethos*. Literature of “cordel”. Homosexuality. Rhetoric.

ⁱ Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/2016. E-mail: andreamendonca07@gmail.com.

ⁱⁱ Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS), câmpus Itabaiana. E-mail: ma.rcpmariano@gmail.com.

Introdução

A retórica surgiu na Grécia Antiga preocupada com o estudo da persuasão e por muito tempo esteve voltada para a arte do bem falar. Nesse contexto, relacionava-se com situações de conflitos, de diferentes pontos de vista, valores e crenças. Como nos afirma Mosca (2001), sua origem “prende-se à luta reivindicatória de defesa das terras em Sicília, que haviam caído em poder de usurpadores” (p. 26). Aqui, a retórica se caracterizava pela tentativa do orador de modificar o ponto de vista do seu auditório, e, portanto, já notamos que a eficácia de um discurso consistia na sua capacidade de persuasão, como nos afirma Aristóteles (2011): “vemo-la como o poder; diante de quase qualquer questão que nos é apresentada, de observar e descobrir o que é adequado para persuadir” (p. 45). Assim, podemos dizer que o orador se vale de elementos que, ao serem selecionados, conduzem o seu auditório a aderir a sua tese. Ainda de acordo com Aristóteles, há três meios de persuasão, que consistem no *ethos*, no *pathos* e no *logos*. Como *ethos* o estagirita define o caráter pessoal do orador; *pathos*, uma certa disposição do espírito do auditório; e *logos*, o próprio discurso. Além dos meios de persuasão, Aristóteles define três gêneros retóricos: deliberativo, judiciário e epidítico. Como deliberativo temos o gênero utilizado nas assembleias, nos discursos políticos e nos documentos técnicos. Como judiciário, o gênero destinado às acusações e defesas nos tribunais. E como epidítico aquele voltado para os discursos das celebrações, das homenagens, para a exaltação das virtudes e para as homenagens em funerais.

Tendo como objetivo observar como se dá a construção dos *ethé* do orador, do povo brasileiro e dos homossexuais no cordel “Corno, bicha e sapatão: os sacanas de hoje em dia”, de José Francisco Borges, retomaremos as definições de *ethos* e *pathos*, dentre outros conceitos da retórica e da argumentação, a fim de mostrarmos como o orador constrói seu *ethos* em comunhão com os valores de seu auditório. Com isso, temos que “a interação entre orador e auditório se efetua por meio da imagem que fazem um do outro, da adequação do discurso aos propósitos de um e aos anseios do outro.” (FERREIRA, 2010, p. 20). Portanto, a eficácia de um discurso retórico dependerá da autoridade imputada pelo orador que o fará digno de credibilidade e confiança. Isso pode ser adquirido pela fiança prévia de uma instituição, empresa ou ainda pelo compartilhamento de valores, crenças e tradições.

Ao abordar o nível discursivo do texto, os estudos da semiótica francesa nos revelam como, semanticamente, diferentes oradores concretizam um mesmo tema por meio de figuras diferentes. Estabelecendo um diálogo com essa abordagem teórica em nossa análise, veremos como o mecanismo de figurativização se baseia nos valores dos atores da enunciação, revelando os *ethé* por nós buscados no cordel em questão.

Finalmente, cumpre-nos ressaltar nesta Introdução a importância do gênero cordel, por sua genuinidade e representação cultural, bem como do tema por nós trabalhado, tendo em vista sua importância social e a necessidade de desconstrução de imagens discursivas correntes, conforme veremos na obra escolhida.

1. Retórica e seus componentes

Como nos afirma Aristóteles (2011), “pode-se definir a retórica como a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão.” (p. 44). Aqui, afirmamos a retórica como uma ciência que não se restringe à arte de produzir discursos, tão pouco como a arte do bem falar. Temos a retórica em sua função hermenêutica, ou seja, “como teoria que pretende ampliar a compreensão do discurso” (FERREIRA, 2010, p. 26). Dentre os aspectos estudados pela retórica e que buscam a persuasão de um auditório está a argumentação, e:

O objetivo de toda argumentação, já o dissemos, é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifesta no momento oportuno (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 50).

Portanto, para chegar à persuasão, faz-se necessário que o orador recorra a meios racionais e afetivos, visto que “em retórica razão e sentimentos são inseparáveis” (REBOUL, 2004, XVII). A seleção desses meios se faz na medida em que o discurso retórico é construído. Assim, o orador se vale dos componentes do sistema retórico para escolher argumentos, dispô-los e atualizá-los de acordo com o seu auditório. A seguir, apresentaremos estes componentes do sistema, que para os gregos são quatro:

- Inventio: “é o estoque do material, de onde se tiram os argumentos, as provas e outros meios de persuasão relativos ao tema do discurso” (MOSCA, 2001, p. 28).
- Dispositio: “é a maneira de dispor as diferentes partes do discurso, o qual deve ter os seguintes componentes: exórdio, proposição, partição, narração/descrição, argumentação (confirmação/refutação) e peroração” (*op. cit.*).
- Elocutio: “é o estilo ou as escolhas que podem ser feitas no plano de expressão para que haja adequação forma/conteúdo” (*ibid.*, p. 28-29). Refere-se à correção, clareza, adequação, elegância.
- Actio: “é a ação que atualiza o discurso, a sua execução e constitui o próprio alvo da Retórica” (*ibid.* p. 29). Diz respeito a timbre, ritmo, entonação (na linguagem falada), fonte, disposição do texto (na escrita), etc.

Além dos componentes retóricos, pretendemos destacar como meios persuasivos as figuras de retórica, que mais tarde serão abordadas na análise do nosso *corpus*. Por figuras de retórica, temos que são os argumentos inesperados do discurso. Assim, ressaltamos aqui as figuras de presença, de comunhão e de escolha, segundo a tipologia de Perelman & Olbrechts-Tyteca presente no *Tratado da Argumentação*:

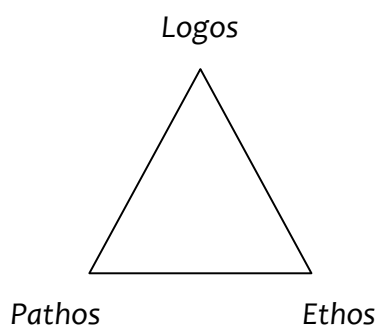
- Figuras de presença: “despertam o sentimento de presença do objeto do discurso na mente do auditório” (FERREIRA, 2010, p. 123), sendo as mais comuns a repetição, a anáfora e a anadiplose.
- Figuras de comunhão: “oferecem um conjunto de características referentes ao acordo, à comunhão com as hierarquias e valores do auditório” (*ibid.*, p. 127). Dessas, a alusão é uma das mais recorrentes.
- Figuras de escolha: correspondem às escolhas linguísticas e discursivas do orador para qualificar, caracterizar e interpretar um determinado tema, “de acordo com seu interesse argumentativo” (*ibid.*, p. 128).

Por fim, discorrido acerca da definição dos elementos da retórica que conduzem à persuasão, a fim de que isso nos ofereça uma base para a análise do nosso *corpus*, partiremos para o aprofundamento sobre um dos elementos retóricos já citados: o *ethos*.

2. Reflexões sobre o *ethos*

Considerando que na análise do nosso *corpus* buscaremos identificar como são construídas as imagens do homossexual, do orador e do povo brasileiro, discorreremos a seguir acerca do *ethos*, que mais sucintamente diz respeito ao caráter e à imagem que o orador cria de si e dos outros em seu discurso.

Os estudos sobre o *ethos* se iniciam ainda na Antiguidade. Para Aristóteles, o *ethos* é um dos três elementos que compõem o triângulo retórico.



Assim, para esse filósofo, o discurso retórico se constitui pela presença destes três elementos, onde o *ethos* diz respeito ao orador, ao seu caráter e sua credibilidade; o *pathos* ao auditório e suas paixões; e o *logos*, à palavra, à razão. Vemos, portanto, que para Aristóteles o conceito de *ethos* se restringe ao orador, no entanto, estudos posteriores propõem um alargamento desse conceito, justificando nosso modo de ver o *ethos* também como a imagem de outros que o orador constrói em seu discurso:

Não podemos mais identificar, pura e simplesmente o *ethos* ao orador: a dimensão do uso da palavra é estruturada de modo mais complexo. O *ethos* é um domínio, um nível, uma estrutura – em resumo, uma dimensão –, mas isso não se limita àquele que fala pessoalmente ao auditório, nem mesmo a um autor que se esconde atrás de um texto e cuja “presença”, por esse motivo, afinal, pouco importa. O *ethos* se apresenta de maneira geral como aquele ou aquela com quem o auditório se identifica, o que tem como resultado conseguir que suas respostas sobre a questão tratada sejam aceitas (MEYER, 2007, p. 35).

Para Amossy (2013), o *ethos* possui um “laço crucial com a reflexividade enunciativa”, e, deste modo, “o *ethos* se desdobra no registro do ‘mostrado’ e, eventualmente, no do ‘dito’. Sua eficácia decorre do fato de que envolve de alguma forma a enunciação sem ser explicitado no enunciado” (p. 70).

A autora ainda desenvolve a noção de *ethos*-prévio a partir do papel que a estereotipagem desempenha na comunicação. Por estereótipo, temos que

“é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado” (AMOSSY, 2013, p. 125). Aqui, o conceito de estereótipo se relaciona com o *ethos* por meio da ideia prévia que o auditório tende a construir do seu orador e vice-versa. Portanto,

O estereótipo permite designar os modos de raciocínios próprios a um grupo e os conteúdos globais do setor da *doxa* na qual ele se situa. O locutor só pode representar seus locutores se os relacionar a uma categoria social, étnica, política ou outra. A concepção, correta ou errada, que faz do auditório, guia seu esforço para adaptar-se a ele [...]. Isso quer dizer que a construção do auditório passa necessariamente por um processo de estereotipagem (AMOSSY, 2013, p. 126).

Além dessa relação, entre os conceitos de *ethos* e estereótipo, o *ethos* relaciona-se também com o *pathos*, pois é por meio de um conhecimento prévio do auditório que o orador seleciona seus argumentos a fim de persuadi-lo, construindo, assim, também sua própria imagem. Deste modo, ainda que diante de diferentes abordagens acerca do *ethos*, o *ethos* retórico “trata-se sempre de situar a contribuição de boas razões com um tom de confiança e de boa vontade recíprocas, de criar empatia” (PLANTIN, 2008, p. 117).

Portanto, é a partir destas relações que analisaremos o cordel “Corno, bicha e sapatão: os sacanas de hoje em dia”, de Jorge Francisco Borges, verificando os valores compartilhados entre os interlocutores para a construção de um *ethos* estereotipado dos homossexuais. Cumpre antes, no entanto, falar um pouco sobre esse gênero literário.

3. A literatura de cordel como expressão de um povo

A literatura de cordel tem sua origem na região Nordeste do Brasil, com início no final do século XIX. Firmou-se como uma literatura popular por ter se desenvolvido em um ambiente desfavorecido e hostil, descrevendo as dificuldades do homem nordestino do sertão. Pelo isolamento regional, esta literatura não se propagou e não recebeu o prestígio encontrado em outros gêneros da literatura brasileira. Desse modo, tornou-se uma literatura marginalizada, esquecida pela sociedade e ignorada pelos meios de comunicação. Assim, Nemer (2005) oferece-nos um panorama do seu contexto literário:

Inicialmente marcado pelo isolamento, pelo abandono do governo central, esse território árido, inadequado à atividade agrícola (base da economia brasileira até meados do século XX), começou a sofrer inúmeras intervenções em sua organização política e social depois do advento do regime republicano. A partir daí a população sertaneja, sujeita a crises, instabilidade e violência, vai pouco a pouco abandonando a região em busca de oportunidades. A literatura de cordel expressa a condição de exclusão dessa camada da população (p. 22).

No entanto, ainda que em meio a tantas dificuldades, a literatura de cordel não deixou de ser produzida no Nordeste brasileiro, expressando as dificuldades do sertanejo, suas crenças e valores. Assim, esta literatura seguiu com suas narrativas construídas a partir de relatos da oralidade, narrados em estrofes, versos e rimas, contando ainda com a presença da xilogravura nas capas. Quanto ao seu nome, foi atribuído pelo costume de seus vendedores, em bancas simples, em casa, nas praças ou nas feiras, enfileirarem os folhetos encavalados em cordões, denominando-se assim 'cordéis'. Com isso, podemos notar uma literatura engajada com questões sociais e culturais, seja problematizando-as ou perpetuando modos tradicionais de ver o mundo. Isso veremos ainda pela recorrência dessas questões em seus temas, listadas por Silva (2008):

- Histórias de amor não correspondido;
- Ciclo mágico e maravilhoso;
- Ciclos do cangaço;
- Ciclo religioso;
- Anti-heróis;
- Exemplos morais.

Como apresentado, esta literatura se firma como uma manifestação da literatura popular, que abrange aspectos sociais, culturais, religiosos, econômicos e até morais da população nordestina. Assim, tratando da temática moralista desta literatura, temos que:

O discurso moralizante, tão frequente nos folhetos e representado por exemplos, funciona como fio condutor de uma comunidade – a sertaneja – e aponta um caminho, ensinando que a vilania será fatalmente castigada, aqui na terra ou no além. Trata-se, pois, da constante preocupação cordelista em mostrar um modelo idealizado da boa conduta, como forma de ensinamento e correção, porquanto somente as atitudes positivas e virtuosas são dignas e valem a pena (SILVA, 2008, p. 38).

Portanto, valendo-nos do aspecto moralista presente nas narrativas de cordel, abordaremos questões de gênero e homossexualidade no nosso corpus, mostrando que o autor recorre ao gênero judiciário a fim de julgar o comportamento homossexual.

4. Identidade de gênero e orientação sexual: reflexões

Na sociedade, notamos que desde cedo as crianças são identificadas como meninos ou meninas, e que a partir disso são designados para elas alguns papéis. Em termos biológicos, o que determina o sexo de uma pessoa é o seu DNA: masculino XY e feminino XX. Já no tocante ao gênero, temos que é uma construção social. Desse modo, determinar o sexo de alguém não basta para definir o seu gênero. É certo que isso só pode ser determinado se considerados aspectos culturais, o que é relativo, ou seja, muda de acordo com a sociedade em que o indivíduo está inserido. Portanto,

Não é possível agregar aos homens e mulheres certos valores e comportamentos sociais como biologicamente determinados, pois nada na natureza determina uma ordem certa social, e tampouco é possível referir-se significativamente aos comportamentos genéricos como naturais ou antinaturais. Logo, o gênero é um aspecto fundamental da identidade que se adquire gradual e voluntariamente (ALMEIDA, 2013, p. 5).

No entanto, sabemos que tratar gênero e sexo como sinônimos é algo frequente na nossa sociedade, e que isso repercute num tratamento diferenciado para pessoas que possuem uma identidade de gênero que não condiz com o seu sexo, pois vê-se nesse tipo de comportamento uma espécie de transtorno e não uma questão de identidade. Partindo para a terminologia, pretendemos destacar aqui os termos transgênero, cisgênero, binário, agênero, andrógino e bigênero, mostrando que essa identidade vai muito além das dicotomias homem-mulher ou masculino-feminino. No entanto, queremos ressaltar que não podemos limitar identidade de gênero a somente estes termos.

- Transgênero: pessoas que se identificam com o gênero oposto ao que nasceu;
- Cisgênero: pessoas que se identificam com o gênero com o qual nasceu;
- Binário: pessoas que se identificam com o gênero masculino ou feminino, ou ainda, com ambos;

- Agênero: pessoas que não se identificam com nenhum gênero existente;
- Andrógino: pessoas que não se identificam como homem ou mulher; mas sim um terceiro gênero com aspectos de ambos;
- Bigênero: pessoas que se identificam com os gêneros masculino e feminino.

Do modo como foram aqui abordados, todos os termos empregados dizem respeito a uma questão de identidade. Assim, não podemos julgar esses comportamentos como doença ou perversão, embora tenham sido assim encarados durante décadas. Outro aspecto importante que pretendemos destacar aqui é que identidade de gênero não pode ser confundida com orientação sexual.

Para muitos, a homossexualidade é uma invenção do século XIX, no entanto, sabemos que as práticas homossexuais eram comuns na Grécia Antiga. Deste século, o que queremos ressaltar é que na sua segunda metade “a prática homossexual passava a definir um tipo especial de sujeito e, conseqüentemente, uma nova categoria social, que viria a ser marcada, estigmatizada e reconhecida sob o nome de *homossexual*, categorizado, e nomeado, como desvio da norma” (SOUZA & PEREIRA, 2011, p. 79). Por norma, compreendemos que é uma regra que deve ser respeitada e visa a ajustar condutas e atividades. Assim, em nossa sociedade é postulado e valorizado o comportamento heteronormativo, ao mesmo tempo em que comportamentos diferentes a este são condenados ou no mínimo vistos como estranhos.

Não podemos falar sobre homossexualidade e apagar sua história. Na Idade Média, os modelos ideológicos pregados pela Igreja Católica condenavam toda prática homossexual, e viam-na como pecado e até mesmo patologia. Depois desse período, muitos vestígios dessa ideologia ficaram impregnados na sociedade. No século XIX, por exemplo, o termo *homossexualismo* surgiu para julgar as práticas homossexuais como doença mental ou ainda perversão. Somente na segunda metade do século XX é que a homossexualidade sai do rol das doenças mentais.

Contudo, isso não nos permite dizer que na prática a homossexualidade recebeu olhares diferentes. No Brasil, a constituição não explicita a

criminalização da homossexualidade, pelo contrário, defende o direito de que todas as pessoas devem ser respeitadas independente de sua orientação sexual, no entanto

O estado continua sempre a postular a heterossexualidade, não por meio de lei, mas sim ao ditar aqueles comportamentos sociais que seriam mais adequados. Isso não significa que o governo persiga (fisicamente) os homossexuais ou demonstre preconceito explícito a eles, mas é bastante óbvio que ele, respaldado no discurso das igrejas (não só católica) e também no da mídia (por meio da propagação de caricaturas), caracterize o comportamento homossexual de uma forma estereotipada, a fim de alimentar na sociedade um certo desconforto e recusa a esse comportamento (XAVIER & PEREIRA, 2012. p. 5).

Por conseguinte, tratando-se de estereótipos, de acordo com Xavier & Pereira (2012), o termo homossexual estava voltado para designar homens afeminados, que adotavam o papel passivo em uma relação com um parceiro ativo. A partir de então, criou-se o estereótipo de que o homossexual masculino é sempre aquele que assume o “papel de mulher”. Desse modo, é notável que o preconceito se torna mais assíduo com aqueles que assumem esta posição, pois os que são ativos estariam ainda desempenhando o seu papel de macho, ou seja, o de responsáveis pela penetração. Aqui, voltamos para questões de gêneros, pois o que vemos é um preconceito que se forma a partir de uma confusão entre identidade e orientação. Notamos uma visão errônea de pessoas que buscam ver um relacionamento homossexual dentro da heteronormatividade, ou seja, ainda que o relacionamento seja entre dois homens ou duas mulheres, buscam decifrar quem desempenha o papel de homem e mulher, ou macho e fêmea.

Assim, o que vemos não é apenas uma atitude homofóbica, mas também machista. Uma das justificativas para a heteronormatividade é o machismo, pois nele o homem é quem detém o poder político, social, econômico e familiar. Assim, “um gay é aquele que abre mão de seu privilégio masculino de poder, ele prefere se comportar como uma mulher (indivíduo inferior) merecendo assim a retaliação e a condenação da sociedade” (XAVIER & PEREIRA, 2012, p.6). O mesmo vale para uma mulher que se relaciona com outra: “é aquela que abre mão do privilégio de se relacionar com o ser dominante, de ser submissa a ele, para se relacionar com outro ser inferior, merecendo assim também a condenação social” (*idem*).

Por tratarmos de identidade de gênero e orientação sexual, adentraremos agora na teoria que surgiu nos Estados Unidos por volta da década de 80, denominada teoria *queer*. Por *queer*, entende-se:

Estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Esse termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização, venha ela de onde vier (LOURO, 2004, p. 38 *apud* XAVIER & PEREIRA, 2012, p.11).

Assim, a teoria *queer* surge para combater os binarismos da sociedade (homossexual/heterossexual; homem/ mulher), pois

Parte do princípio de que a orientação sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de um constructo social e que, portanto, não existem papéis sexuais essencial ou biologicamente inscritos na natureza humana, mas formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais (ALMEIDA, 2013, p. 4).

Por fim, é a partir destas discussões e conceitos que pretendemos analisar nosso *corpus*. Pelo viés da retórica e da argumentação, principalmente, veremos como questões de gênero e orientação sexual são abordadas no cordel “Corno, bicha e sapatão: os sacanas de hoje em dia”, do cordelista José Francisco Borges.

5. “Corno, bicha e sapatão: os sacanas de hoje em dia” – metodologia e análise

Como já apresentado mais acima, o *corpus* deste artigo é o cordel “Corno, bicha e sapatão: os sacanas de hoje em dia”, do cordelista José Francisco Borges. A partir de pesquisas pela internet e visita à banca de cordéis de José Firmino, no Mercado Municipal de Aracaju – SE, buscamos selecionar narrativas que abordassem questões de gênero e homossexualidade, visto que o que pretendemos é analisar os recursos retóricos utilizados pelo autor a fim de definirmos a imagem discursiva que esse orador constrói de seus personagens e, por conseguinte, o *ethos* que constrói de si mesmo e do povo brasileiro diante dessas questões. Assim, a seguir, destacaremos as figuras retóricas, já discutidas anteriormente, e os lugares retóricos, que, segundo Ferreira (2010), “são grandes armazéns de argumentos, utilizados para estabelecer acordos com o auditório” (p. 69).

Inicialmente, notamos pelo título do cordel o uso do lugar da modernidade, quando o autor afirma que corno, bicha e sapatão são os

sacanas de hoje em dia. Aqui, o cordelista sente que a tradição do seu tempo foi rompida por pessoas diferentes, com novos comportamentos.

Os modos de hoje em dia
Do meu tempo é diferente
O povo era respeitoso
E vivia alegremente
O marido era fiel
E a sua esposa decente

Adentrando em questões de gênero e homossexualidade, o cordelista apresenta homens e mulheres heterossexuais como normais, pautado no lugar da essência, ou seja, afirmando para eles a superioridade diante de quaisquer outras pessoas que não tenham esse comportamento:

Homem gostar de mulher
Não é crime é diversão
Ele pode se orgulhar
Em qualquer situação
E mulher que gosta de homem
É rainha da sedução

O autor segue com argumentos do lugar derivado do valor de pessoa, enaltecendo o homem e a mulher que em suas práticas sexuais com o sexo oposto demonstrariam dignidade e autonomia.

O homem entre os amigo (sic.)
Diz eu como o que vier
Não olho a cor nem tamanho
É bastante ser mulher
Em qualquer lugar que for
Eu sei dá (sic.) o que ela quer.

E a mulher por outro lado
Responde do mesmo jeito
Só quero que seja macho
E dê o serviço direito
Sendo homem carinhoso
Nos braços dele me deito.

Aqui, o orador enfatiza a ideologia machista: o homem só é homem se “pegar” qualquer mulher e se for “macho”. Ele deve “dar o que ela quer” e precisa fazer o “serviço direito”. Portanto, vemos a construção de um *ethos*

feminino que só quer sexo, valorizando o órgão sexual masculino, consistindo, assim, em uma falácia.

Mais à frente, o cordelista afirma que tratará de narrar sobre os mesmos seres, ou seja, homens e mulheres, mas que estes possuem um comportamento diferente. Aqui, o autor inicia seus argumentos acerca dos homossexuais, referindo-se primeiramente às lésbicas:

Sapatão é a mulher
Que ver (sic) outra e lhe palpita
Come a outra com os olhos
Quando o sangue se agita
Ela se agarra com outra
Salta chora berra e grita

Sabendo que a *elocutio* diz respeito à “construção linguística que manifesta as virtudes e defeitos da energia retórica de construção textual” (FEREIRA, 2010, p. 116), vemos que o orador faz uso de figuras de escolha para se referir à mulher homossexual. No trecho acima, notamos a escolha de um termo pejorativo, ‘sapatão’, considerado um vocábulo presente em discursos homofóbicos. O que vemos, portanto, é um orador que, conhecendo o auditório para quem se dirige, mantém seus valores em consonância com os valores deste auditório.

As estrofes seguintes descrevem uma visão deturpada sobre as lésbicas no plano amoroso, afetivo. O cordelista apresenta sua visão heteronormativa ao crer que neste tipo de relacionamento uma das mulheres assume o papel masculino.

Eu acho muito engraçado
É a divisão das duas
Quando vão a um passeio
Parecem duas piruá (sic)
Sempre uma quer ser machão
Em casa e no meio da rua.

Uma é obediente
A outra mais depravada
E na minha opinião
Nem uma está com nada [...]

No plano sexual, inferioriza sua prática pela ausência do órgão genital masculino no ato:

[...] Só fazem amor esfregando
As duas portas de entrada
No amor das saboeiras
Nada entra e nada sai
Se assanha e não levanta
Nem endurece nem cai
E só nesse vai e vem
É assim que a vida vai.

Tendo se referido às lésbicas, o cordelista agora deixa o assunto e segue os versos sobre os gays. Na estrofe a seguir, notamos mais uma vez a presença de termos pejorativos para se dirigir ao homossexual: ‘viado’, ‘bicha’, ‘frango’ e ‘boiola’. Além disso, notamos que o cordelista se refere somente a gays que julga terem um comportamento afeminado, ou seja, que ele acha que assumem o papel feminino na relação, mostrando também todo o seu preconceito contra as mulheres, apoiando-se no estereótipo da mulher que se exhibe para “arrumar um homem”.

Deixo agora a sapatão
Para falar de viado
Bicha, frango ou boiola
Que é homem transviado
Só anda se requebrando
Pra arranjar um namorado.

Nas estrofes a seguir, o autor recorre, como no título do cordel, ao lugar da modernidade, discriminando os comportamentos atuais, e mais uma vez se mostrando dentro de uma visão heteronormativa, esperando que, entre dois homens, um seja o ‘machão’ e o outro o ‘afeminado’.

Isso hoje virou moda
Tem até operação
Cresce os peitos e a bunda
Para chamar atenção
E quando vira fole
Enfrenta qualquer machão.

Na seguinte estrofe, notamos a presença de estereótipos quando o autor aproxima o homem homossexual com as mulheres por meio de profissões. Notamos, portanto, não apenas o estereótipo gay, mas também o

feminino, por julgar que as profissões - que são na estrofe listadas por meio do lugar da ordem - devem ser desempenhadas por mulheres.

A profissão que mais gosta
Sempre é a de costureiro
Arrumador de hotel
Confeitador, cozinheiro
Várias outras profissões
E também cabelereiro.

No decorrer da narrativa, o autor também se refere aos bissexuais, julgando-os como indecisos. Assim como retrata os homossexuais, o cordelista também discrimina esse grupo através da escolha de termos pejorativos:

Tem frangos que são giletes
Gosta de homem e mulher
Essa é a bicha indecisa
Não sabe bem o que quer
E tem a bicha gulosa
Que enfrenta o que vier.

Por fim, o cordelista chega à peroração adentrando no lugar do *status* ao afirmar que não se pode mais “mangar” do corno, bicha e sapatão porque até mesmo pessoas que pertencem à classe alta da sociedade apresentam, atualmente, este comportamento.

Escrevi sobre os sacanas
Corno, bicha e sapatão
Que hoje é muito comum
Não se faz mais mangação
Porque tem gente da alta
Com essa depravação

Para concluirmos os estudos de análise do nosso *corpus*, buscaremos mostrar brevemente os mecanismos e procedimentos que são mobilizados pelo autor para a produção do cordel em análise pelo viés da semântica discursiva da semiótica francesa. Para tanto, partimos do pressuposto de que para a semiótica:

O texto se organiza e produz sentidos, como um objeto de significação, e também se constrói na relação com os demais objetos culturais, pois está inserido em uma sociedade, em um dado momento histórico e é determinado por formações ideológicas específicas, como um objeto de comunicação (BARROS, 2005, p. 189).

Aqui, daremos destaque para a tematização e a figurativização, que, de acordo com Fiorin (1992), “são dois níveis de concretização do sentido” (p. 64). Por figura, temos que “é todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural”. Já por temas, que “são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural: elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso” (FIORIN, 1992, p. 65). Portanto, como mostrado mais acima, para concretizar o tema da homossexualidade há o encadeamento de figuras que materializam de forma estereotipada e preconceituosa o comportamento e as práticas sexuais dos homossexuais, como já indicam os próprios termos utilizados para se referir a eles, como ‘viado’, ‘boiola’, ‘bicha’, ‘transviado’, ‘sapatão’, ‘pirua’, ‘depravada’ e ‘saboieira’. Assim, vemos que as figuras, além de nos permitir identificar de que tema trata o texto e de atuar na concretização do sentido, são indícios importantes para o analista depreender os *ethé* presentes nos textos, no caso aqui, nos dá espaço para verificarmos o *ethos* depravado que o orador cria dos homossexuais e, como resultado disso, o *ethos* preconceituoso de si e de seu auditório e, talvez, numa projeção que demanda o estudo futuro de um número maior de textos, o do povo brasileiro.

Considerações finais

Na análise deste cordel, observamos que por meio de recursos retóricos o autor constrói uma imagem estereotipada e negativa dos homossexuais. Primeiramente, notamos que ele faz uso do gênero judiciário, analisando uma causa a partir do que, dentro dos seus valores, é justo, legal e ético. Com isso, assume uma postura em comunhão com os valores que acredita serem também os de seu auditório, com quem estabelece acordos a partir de lugares comuns para condenar as práticas homossexuais. Adentrando nos lugares retóricos da modernidade, da tradição, da ordem, da essência e do valor da pessoa, esse orador não somente firma os *ethé* de seus personagens e dos grupos sociais que representam, mas também de si e do seu auditório, revelando no texto todo o preconceito e o desconhecimento sobre questões de identidade de gênero que ainda afetam muitos sujeitos. Como representantes de um povo, oradores e auditório de cordéis moralistas referentes às questões de homossexualidade podem representar um modo de

ver a questão dos próprios brasileiros, o que outras análises futuras podem ou não comprovar.

Referências

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2013.

ALMEIDA, Daniel Mazzaro Vilar. Por que estudar o discurso homossexual e o homossexual no discurso? **Cadernos de Pós-graduação em Letras Mackenzie**, São Paulo, v. 2, 2013. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/9490/5800>. Acesso em 20/12/2016.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011. [séc. IV a.C]

BARROS, Diana L. P. de. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística II: Princípios de análise**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 187-219.

BORGES, José Francisco. **Corno, bicha e sapatão: os sacanas de hoje em dia**. 2008. s/e: Pernambuco.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão: os princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, José L. **Elementos de análise do discurso**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1992.

MEYER, Michel. **A retórica**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

MOSCA, Lineide do L. S. Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos. In: MOSCA, Lineide do L. S. (Org.) **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas, 2001. p. 17-54.

NEMER, Sylvia Regina B. **A função intertextual do cordel no cinema de Glauber Rocha**. 2005. 222 p. Tese (Escola de Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=12>. Acesso em 19/08/2016.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: A nova retórica**. Trad. de Maria E. de A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1958].

PLANTIN, Christian. **A argumentação: história, teorias, perspectivas**. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SILVA, Raimundo José da. **Identidades e representações do Nordeste na literatura de cordel**. 2008. 187 p. Dissertação (Pós-Graduação stricto sensu – área de concentração: Estudos linguísticos). Universidade Federal de Mato Grosso do sul. Disponível em: <http://repositorio.cbc.ufms.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1333/1/Raymundo.pdf>. Acesso em 15/08/2016.

SOUZA, Eloisio Moulin; PEREIRA, Severino Joaquim Nunes. (Re) produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. **RAM – Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 14, N. 4, 2013. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM/article/view/3668>> Acesso em 20/12/2016.

XAVIER, João Lúcio; PEREIRA, Carolina Carvalho Andrade. Aqueles dois: a (des) construção do *ethos* homossexual em Caio Fernando Abreu. **Revele – Revista Virtual dos Estudantes de Letras UFMG**, Belo Horizonte, n. 4, maio/2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/revele/article/view/3942>>. Acesso em 20/12/2016.

Forma de citação sugerida:

CUNHA, Andréa Mendonça; MARIANO, Márcia Regina Curado Pereira. Questões de gênero e homossexualidade na literatura cordelista brasileira. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 12, p. 35-52, jul/dez.2016.

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 21/12/2016